

O falso pescador DE RUBEM BRAGA

M 88

Acontece que eu ganhei de presente

~~São como eu ia dizendo,~~ ganhei uns petrechos de pesca. A principio de-
leitei-me em mostrar tudo às visitas, e tudo era bonito, com instruções em In-
guez escritas em pergaminho, anzóis múltiplos, corocoxós coloridos para cor-
ricar, um pequeno arpão e uma galatés, isca de porco, puçá, uma faquinha de
bom aço para cortar o ambicionado peixe e até um par de luvas, para pesca de
maior cerimônia. Com o passar dos dias ficou, porém, evidente que eu estaria
completamente desmoralizado se não usasse aquilo, e resolvi visitar uns ami-
gos que moram numa praia distante.

Se o leitor é pescador e espera ler aqui alguma história excitante do ra-
mo, que se desiluda; tudo que usei foi a mais fina e simples jogada, e com
ela obtive apenas um peixinho de um palmo que nem sei o nome; meu amigo pegou
uns quinze com sua vara de bambú e um anzol enferrujado. Fiquei um pouco des-
concertado mas dei a entender que no fundo só me interessa a pesca de cachalo-
tes e leões marinhos, o primeiro por causa do ambar gris e o segundo por cau-
sa do nome heróico.

É de amigos, não de peixes que falarei. Aquela casal, que eu não via há
muito tempo, pareceu-me estar bastante feliz. Ambos ^{os conjugues} me confirmaram que sim, e
com isso fiquei satisfeito, pois tenho visto muita gente infeliz, com tudo de-
sarrumado na vida e até no sonho. Mas um sutil espírito de porco começou a me
invadir quando ele começou a fazer uma certa propaganda de sua felicidade, e
me confessou que nunca suspeitara a suprema doçura de criar galinhas e dormir
cedo. Ora, tenho como todo mundo uma infância povoada de galinhas. Essas aves
são uteis principalmente pelo seu vagaroso "cô-cô-rô-cô-rô-cô-rô-cô..." que
nos dias de calor ajudam a gente a dormir a sesta e ainda outro dia me comovi
muito num restaurante quando uma jovem minha conhecida me disse que sua gran-
de saudade do interior era uma boa canja com aquele ovinho de galinha ainda
não acabado de fazer; essas coisas me encham de ternura. Gente nascida e cria-
da na cidade grande sempre me parece no fundo meio ignorante, e não entende
umas palavras e umas coisas que não se pôde ensinar porque seu gosto só se
aprende na infância.

O amigo mostrou-me um pé de fruts-pão que plantou, e tive vontade de di-
zer que ele me parece apenas um retardado mental, pois o essencial a respeito
de um pé de fruts-pão é a gente nascer e crescer em uma casa onde haja um bom

(CONT. 2 - BRAGA) - grande; quem não teve isso jamais o recupera.

Mas de repente me senti muito triste com tudo, e muito infeliz e com tendência para achar todo mundo infeliz. Sou um homem sem forças, e sem fé. Seria horrível que aparecesse uma mulher e me dissesse: corta o teu pé de fruta-pão e também o teu velho casaco da infância, e então eu te sorriria. Se essa mulher fosse tu, oh Joana de peregrina beleza, eu cortaria as árvores sagradas, ainda que sabendo que por isso me desprezarias.

Esta história ^{tinha} ~~era~~ continuação, mas agora de repente me deu ^{uma} ~~essa~~ tristeza grossa, e é melhor que não continúe mais falando nem dos amigos que se acham felizes, nem de mim mesmo e de Joana muito menos, porque aí então não paro mais e ^{nem} ~~eu~~ digo coisa com coisa.

*
..X.X.X.X.X.X..

RC.